Lirvros de poemas

Poema do Periodo BARROCO

Senhora Dona Bahia

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna, e é que, quem o dinheiro nos arranca, nos arranca as mãos, a língua, os olhos."

"Esta mãe universal, esta célebre Bahia, que a seus peitos toma, e cria, os que enjeita Portugal"

"Cansado de vos pregar cultíssimas profecias, quero das culteranias hoje o hábito enforcar: de que serve arrebentar por quem de mim não tem mágoa? verdades direi como água porque todos entendais, os ladinos e os boçais, a Musa praguejadora. Entendeis-me agora?"

AUTOR: Gregório de Matos

Poema do periodo ARCADISTA

Se é Doce
Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver toucar-se a manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis amadores, Seus versos modulando e seus ardores Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra gentil, de Amor querida, Que esperta os corações, floreia os prados,

Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-me em teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que a vida

AUTOR: Manuel Maria Du bocag

Poema do periodo ROMANTISMO

Anjos do Céu Álvares

As ondas são anjos que dormem no mar, Que tremem, palpitam, banhados de luz... São anjos que dormem, a rir e sonhar E em leito d´escuma revolvem-se nus! E quando de noite vem pálida a lua Seus raios incertos tremer, pratear, E a trança luzente da nuvem flutua, As ondas são anjos que dormem no mar! Que dormem, que sonham- e o vento dos céus Vem tépido à noite nos seios beijar! São meigos anjinhos, são filhos de Deus, Que ao fresco se embalam do seio do mar! E quando nas águas os ventos suspiram, São puros fervores de ventos e mar: São beijos que queimam... e as noites deliram, E os pobres anjinhos estão a chorar! Ai! quando tu sentes dos mares na flor Os ventos e vagas gemer, palpitar, Por que não consentes, num beijo de Amor Que eu diga-te os sonhos dos anjos do ma?

AUTOR: Álvares de Azevedo

Poema do periodo do REALISMO

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, a força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se,

despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.
AOUTOR : Machado de Assis

Poema do periodo NATURALISMO

Amor

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma, em teus encantos E na tua palidez E nos teus ardentes prantos Suspirar de languidez! Quero em teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa trança Quero sonhar e dormir! Vem, anjo, minha donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um momento, Morrer contigo de amor!

AUTOR: Aloísio de Azevedo

Poema do periodo Parnacismo

Ao Coração Que Sofre

Ao coração que sofre, separado Do teu, no exílio em que a chorar me vejo, Não basta o afeto simples e sagrado Com que das desventuras me protejo. Não me basta saber que sou amado, Nem só desejo o teu amor: desejo Ter nos braços teu corpo delicado, Ter na boca a doçura de teu beijo. E as justas ambições que me consomem Não me envergonham: pois maior baixeza Não há que a terra pelo céu trocar; E mais eleva o coração de um homem Ser de homem sempre e, na maior pureza, Ficar na terra e humanamente amar.

AUTOR: Olavo Bilac

Poema do periodo SIMBOLISMO

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos, Murchando as flores ao tombar do dia. Dos laranjais hão de cair os pomos, Lembrando-se daquela que os colhia. As estrelas dirão — "Ai! nada somos, Pois ela se morreu silente e fria.. . " E pondo os olhos nela como pomos, Hão de chorar a irmã que lhes sorria. A lua, que lhe foi mãe carinhosa, Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la Entre lírios e pétalas de rosa. Os meus sonhos de amor serão defuntos... E os arcanjos dirão no azul ao vê-la, Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

AUTOR: Alphonsus de Guimaraens

Poema do periodo PRE MODERNISMO

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam como os de lá Minha terra tem mais rosas E quase que mais amores Minha terra tem mais ouro Minha terra tem mais terra Ouro terra amor e rosas Eu quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem que volte para lá Não permita Deus que eu morra Sem que volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 15 E o progresso de São Paulo.

AUTOR: Oswald de Andrade

Poema do periodo MODERNISMO

Moça Linda Bem Tratada

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor.

Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta: Um coió.

Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros
Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.

AUTOR: Mário de Andrade

Poema do periodo POS MODERNISMO

ARTE DE AMAR

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis
.
Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

AUTOR: Manuel Bandeira

Poema do periodo QUIENHENTISTA

Jesus na manjedoura José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.